



EDUCAÇÃO FINANCEIRA:

como pagar as dívidas e evitar que isso se repita

Reinaldo Domingos*

Somos seres humanos. Por isso, acertamos e erramos. Quando falamos em crise, o próprio nome nos remete a problemas, rupturas, dissabores e até oportunidades, entre outros adjetivos. Estes podem ser de ordem pessoal ou profissional, na saúde física, mental, espiritual, inclusive financeira.

Nunca estamos completamente preparados para lidar com nossos problemas. Isto porque, como seres humanos, vivemos muitas vezes na razão sem entender muito bem nossa emoção.

Mas como enfrentar algo como a pandemia da COVID-19 sem ter tido, anteriormente, nenhuma outra experiência similar a esta? Quando relato isso, não estou somente falando no universo da saúde, onde a prevenção e a cura passam por processos de profundas pesquisas no combate ao problema. Digo também e, especialmente, no universo da saúde financeira pela qual, mais uma vez, a sociedade mundial se curvou diante do analfabetismo financeiro, como aconteceu em 2008, considerada por muitos economistas a pior crise econômica desde a Grande Depressão, em 1929, com efeitos no mundo todo.

A situação do brasileiro em relação ao dinheiro está bastante preocupante, com perspectivas de crescimento no endividamento. Ocorre que, com a crise, começa a ter reflexo o crescimento do consumo nos últimos anos, quando boa parte dos brasileiros fez financiamentos, empréstimos, parcelamentos, utilizou cheque especial ou pagou o mínimo do cartão de crédito, ficando exposta aos juros bancários, que são exorbitantes.

Assim, usar linhas de crédito sem conhecer em detalhes o funcionamento do sistema é uma das faces do comportamento de risco financeiro mais comum na cultura de endividamento.

É importante que os consumidores saibam calcular os impactos de financiamentos (cartão de crédito, cheque especial, financiamento da casa própria, do carro, de eletrodomésticos, entre outros) em seus orçamentos, antes de optar por linhas de crédito, pois, na maioria dos casos, entra-se no ciclo do endividamento cuja saída é muito complexa.

Caminhos para a mudança

A solução é fazer um levantamento detalhado de todas as dívidas, priorizando as que possuem bens de valor como garantia e evitar o corte de serviços indispensáveis. Deve-se também priorizar as dívidas que têm as taxas de juros mais altas. Provavelmente serão as dos empréstimos adquiridos junto ao sistema financeiro.

Se assim for, o melhor é procurar o gerente e pedir que reúna em um mesmo pacote as dívidas de cheque especial, cartão de crédito e demais empréstimos e negociar uma linha de crédito diferente, mais alongada, com juros médios de 2,5%, cuja prestação seja menor do que o valor total dos juros que a pessoa pagava mensalmente. A partir desse acordo com o banco, o devedor estará pagando não mais apenas os juros, e sim o valor principal, fazendo com que a dívida seja efetivamente liquidada ao longo do tempo.

Se não houver possibilidade de acordo com a instituição financeira ou se a parcela negociada não

couber no orçamento, será melhor poupar para que, quando for procurado pelas empresas de recuperação de crédito contratadas pelos bancos, tenha melhores condições de negociar a quitação em valores menores.

Enfim, por mais que acredite que chegou ao fundo do poço, sempre haverá alternativas; para isso, basta ter perseverança e criar uma estratégia para reverter a situação. Nunca se esquecendo, é claro, de projetar os sonhos para o futuro.

Ciclo do endividamento

Outro ponto importante em relação ao tema é a prevenção, e para isso é preciso ter em mente que o ciclo do endividamento se constitui de causas como analfabetismo financeiro, consumismo, marketing publicitário e crédito fácil; de meios (cheque especial, cartão de crédito, crediário, crédito consignado, empréstimos, adiantamentos e antecipação do IR); e de efeitos (problemas conjugais, problemas de saúde, desmotivação, baixa autoestima, produtividade reduzida, atrasos e faltas no trabalho).

Em geral, a ciranda financeira segue o seguinte compasso: se a prestação da casa, do carro ou outro compromisso financeiro assumido não está cabendo no orçamento, a pessoa passa a pagar todas as demais despesas com cartão de crédito ou cheque especial, imaginando que, assim, sobrar recurso para pagar suas principais dívidas. Dentro de poucos meses, no entanto, já não conseguirá quitar a fatura do cartão ou o cheque especial, até que entre algum recurso extra. Mas isso não acontece sempre. Chega o começo do outro mês e a história se repete.

Quando se dá conta, a pessoa está endividada de todos os lados, correndo o risco de ficar inadimplente e sem linhas de crédito. Há quem provoque a própria demissão para usar

os recursos dos direitos trabalhistas para solucionar o problema. Quando percebem que o dinheiro não é suficiente buscam empréstimo. E assim vai até chegar ao fundo do poço.

E por essa razão é que, hoje, vivemos o naufrágio financeiro da sociedade. Somente por meio da construção de novos comportamentos e hábitos é que conseguiremos enfrentar esta e outras crises que podem vir.

** PhD em Educação Financeira, Presidente da Associação Brasileira de Educadores Financeiros (Abefin).*

